

**Dossiê – Metodologias de Pesquisa em Psicanálise: Caminhos, Paradoxos e Impasses.**

**A escrita do acontecimento: o fragmento clínico como método e transmissão em Psicanálise**

Ana Luisa Sanders Britto<sup>1</sup>

Musso Greco<sup>2</sup>

**Resumo**

Este artigo investiga o fragmento clínico como um método singular de pesquisa e transmissão em Psicanálise, articulando a prática clínica à teoria psicanalítica de orientação lacaniana. A partir da experiência do “Desembola na Ideia”, projeto de extensão vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, o artigo visa fundamentar como a escrita do acontecimento, tal como se apresenta pelo fragmento clínico, se apresenta como um método de pesquisa em Psicanálise, definida por uma irrupção de singularidades na prática clínica, que porta uma forma de transmitir o Real da experiência psicanalítica. O problema central da investigação questiona como o fragmento clínico pode ser legitimado e utilizado, no contexto acadêmico e na comunidade analítica, como uma metodologia de pesquisa e transmissão da Psicanálise. O texto discute a escrita com o fragmento clínico que não se dá de forma ilustrativa, mas que se manifesta na contingência da experiência clínica. Para isso, a metodologia utilizada é a pesquisa teórico-conceitual articulada à prática clínica, a partir do material extraído da experiência clínica e artística do Desembola na Ideia. Conclui-se que o fragmento clínico, como escrita de um acontecimento, constitui um modo privilegiado de formalizar e transmitir o efeito de Real da prática analítica, portanto fundamenta uma metodologia específica de investigação em Psicanálise. Por fim, esse método permite que a Psicanálise se reinvente e produza uma forma de pesquisa que valoriza a singularidade de cada caso e contribui para o avanço teórico do campo.

**Palavras-chave:** Fragmento clínico. Acontecimento. Metodologia de pesquisa. Transmissão. Psicanálise.

---

1 Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Psicanálise: Clínica com crianças e adolescentes pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Graduada em Psicologia pela UFMG. Psicanalista no Projeto Psicossocial Desembola na Ideia. Pesquisadora participante do Lab21 UFMG (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4102-508X>. E-mail: [anasandersb@gmail.com](mailto:anasandersb@gmail.com).

2 Residência Pós-doutoral do PPG em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Ciências da Saúde pela UFMG. Mestre em Psicologia pela UFMG. Coordenador do Projeto Psicossocial Desembola na Ideia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2090-0674>. E-mail: [mussogreco@gmail.com](mailto:mussogreco@gmail.com).

## Introdução

O espaço físico que acolheu o “Desembola na Ideia” — Projeto de Extensão vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE-UFMG) — por sete anos trazia cicatrizes em sua arquitetura, marcada por sua história, por ter funcionado ali, até o início dos anos 2000, a Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (Febem), amplamente conhecida pela violação dos direitos das crianças e dos adolescentes. Diferentemente do modelo disciplinar de um panóptico adotado pela Febem, o que se observava na apropriação de um dos prédios pelo projeto era uma invenção cotidiana que permitia a subversão de um espaço originalmente usado para vigilância ser transformado em um *lugar*, um sentido de lugar em meio a fluxos, conexões, laços ocasionais e movimentos. Assim, os adolescentes ao saírem de seus territórios na cidade, de suas “quebradas”, ou das instituições de socioeducação, passaram a encontrar, por meio de um processo que articulava a Psicanálise lacaniana à arte, a possibilidade de colocar em questão o “fora do lugar” da adolescência e da sua condição étnica, social e subjetiva.

Segundo Philippe Lacadée (2011), à luz de Rimbaud, o adolescente adota uma nova maneira de falar e de dizer sobre as sensações inéditas que surgem nele, confrontando-o ao novo e fazendo valer o enunciado: “encontrar uma língua” (p. 18). Seu desafio mais fundamental se situa na relação do corpo vivo do adolescente moderno com a língua articulada, aquela chamada do senso comum. É uma “crise da linguagem”, ou “crise da língua articulada”. Freud (1905/1996) tornava a puberdade como o equivalente a “escavar um túnel pelos dois lados ao mesmo tempo” e atravessá-lo. Um buraco, portanto, em que uma das extremidades fura a autoridade, o saber, a consistência do Outro parental; a outra extremidade perturba a vivência íntima do corpo da criança, vindo a fazer furo em sua existência de criança. O despertar real da sexualidade na adolescência afasta e modifica a relação do sujeito com a sua língua. Essa busca da língua, o famoso “encontrar uma língua” (Lacadée, 2011, p. 18), está no princípio de quem fala a língua da cidade, carregada de violência e de insultos, porque esta lhe permite tomar posição. Tomar posição na língua, ainda que seja do modo mais desrespeitoso e desagradável para o Outro, é frequentemente, em situações de impasse, a solução adotada por certos adolescentes. O adolescente moderno faz um uso particular da língua para, muitas vezes, nela se apresentar, mais do que nela se representar. O que apressa o sujeito a encontrar “o lugar e a fórmula” (Lacadée, 2011, p. 20) é a sexualidade, que, ao fazer furo no Real, leva o sujeito a encontrar o lugar onde elaborar a sua própria fórmula, sua autentificação, seu nome. Saber fazer com seu corpo continua sendo a busca central da adolescência.

Dessa experiência clínica de orientação lacaniana em articulação aos ateliês de arte (artes plásticas, música, culinária e dança) com adolescentes em vulnerabilidade social ou cumprimento de medidas socioeducativas, o Desembola na Ideia extrai, entre outras produções, “acontecimentos” produzidos pela prática na instituição. O material, tal como descrito por Greco (2021, p. 13), se apresenta sob a forma de fragmentos clínicos, que mostram instantes de uma cena em que há a manifestação do Real, que se faz ver pela escrita da contingência. Dessa forma, a escrita do acontecimento se impõe aqui como material da investigação deste artigo, a partir do recurso metodológico do fragmento clínico. No campo

da Psicanálise, o fragmento clínico tem se apresentado como um recurso fundamental da sua metodologia teórico-clínica.

Desde a discussão da escrita fragmentária de Freud como método de pesquisa e transmissão na Psicanálise, o recurso dos fragmentos clínicos serve como fundamentação para a proposta metodológica em questão a partir da experiência psicanalítica apresentada. Este artigo, que articula a prática clínica e a pesquisa teórico-conceitual no campo psicanalítico, propõe como objetivo central investigar a escrita do acontecimento, pela especificidade do fragmento clínico, como método de pesquisa em Psicanálise, capaz de transmitir o Real da experiência analítica e sustentar a singularidade como eixo metodológico.

Portanto, entendemos esse acontecimento como a irrupção de singularidades no momento mesmo de sua produção no discurso (Greco, 2021, p. 15). Como algo novo, de fora, que muda a disposição normal dos corpos e da linguagem. Uma descoberta, um instante, um limite do já pensado, que rompe o aqui e agora, como efeito de inventividade, de criação de novas possibilidades a partir do quase-nada-múltiplo-de-nada, nas dimensões da arte e da Psicanálise, e da possibilidade do advento de um sujeito inédito. É essa escrita do fragmento clínico, a partir do “acontecimento”, como um modo singularizado de transmissão do real da prática psicanalítica, que nos interessa investigar.

## O fragmento clínico como metodologia em Psicanálise

Pela palavra “fragmento” (Houaiss et al., 2009), derivada em sua etimologia do latim *fragmentum*, encontram-se significados referentes à ideia de pedaço de um objeto que foi quebrado, partido, cortado; da parte extraída de um livro, de um discurso, de um manuscrito; do resto de uma obra literária ou artística. Como parte, pedaço, resto, o fragmento se associa a essa matéria extraída, portanto a ideia de quebrada, como modo privilegiado para elaborar acerca da prática da Psicanálise implicada na cidade. O significante “quebrada” apresenta uma articulação com a cidade, não apenas como sinônimo do contexto precarizado ou segregado, mas que aponta um espaço em que “algo que quebrou, dividido, em partes, fissura na homogeneidade, manifestação errática do que foi cortado da simbolização, algo que falhou, rateou”, como afirma Galhardo (2024). Por essa matéria extraída, quebrada, como parte, pedaço, resto, em referência a uma obra, propomos a seguinte questão: Como o fragmento clínico pode ser fundamentado como uma metodologia de pesquisa em Psicanálise pelo modo privilegiado de transmissão da experiência psicanalítica?

Desde as primeiras publicações, Freud destaca a importância de inventar um método próprio que transitasse entre registros discursivos diversos, no qual “era preciso combinar pelo menos o rigor conceitual do cientista com o rigor formal do poeta” (Iannini et al., 2021). Mahony (1987), em *Freud as a writer*, elabora a dupla-natureza da escrita freudiana entre as capacidades estético-representacionais e racionais-argumentativas. O recurso a esses dois polos da poesia e da ciência respondem à necessidade própria do material clínico e à aproximação de seus relatos como romances. Para essa construção, a escrita pode articular recursos linguísticos heterogêneos, a partir especialmente da extração de seu fragmento.

É interessante perceber como a noção de fragmento se apresenta de modo explícito especialmente nos estudos literários, como encontramos em especial na obra de Roland Barthes (1977), como referência fundamental justamente por seu modo de escrita em fragmentos. Destaca-se aqui como essa escrita de Barthes está presente em “Fragmentos do discurso amoroso” (1977/2003), em que se dá diante da exigência do discurso amoroso, como avesso à reconstrução narrativa do amor, do romance. Nesse sentido, pela escrita litorânea entre Psicanálise e literatura, Barthes segue seu projeto tensionando o desejo de escrever entre a forma curta breve e a forma longa contínua.

No campo da Psicanálise, o fragmento clínico tem um valor importante na comunidade analítica, como se nota em discussões feitas justamente a partir de fragmentos de casos clínicos apresentados nas escolas de Psicanálise. Na universidade, é possível testemunhar impasses quanto à metodologia de pesquisa clínica em Psicanálise, levantando questões acerca do uso de fragmentos em trabalhos acadêmicos, dissertações ou teses. Por isso, há um campo em aberto quanto ao fragmento clínico para a investigação dessa metodologia de pesquisa.

Em consonância com Pinto (1999), uma posição a ser mantida continuamente na universidade seria a de assumir a função de legitimar a vocação científica da Psicanálise e sua inserção na cultura, ainda que se reconheça a diferença entre o discurso da universidade e a transmissão da Psicanálise em uma instituição universitária. A partir da própria escrita do caso, pode-se transmitir não estritamente a técnica, mas o testemunho da manifestação do inconsciente como orientação clínica. Assim, pela impossibilidade da transmissão do saber Todo na clínica (Vorcaro, 2019), o método psicanalítico, especialmente pela escrita fragmentária, introduz uma nova modalidade que faz ecoar a própria singularidade da experiência analítica, de modo que um leitor-analista possa extrair um saber diante de cada caso, e não apenas replicar a técnica. Nesse sentido, o fragmento pode funcionar como um recurso metodológico privilegiado para transmitir o real da singularidade da clínica psicanalítica.

## **A escrita em fragmentos em Freud**

Sigmund Freud publicou cinco casos clínicos paradigmáticos: Dora (1905), Pequeno Hans (1909), Homem dos Ratos (1907/1908), Schreber (1912) e Homem dos Lobos (1918). Mas é possível encontrar escritas em fragmentos clínicos em toda sua obra, como Elisabeth Von R., Emmy e Katharina. Chamamos a atenção especialmente ao caso Dora, a primeira de suas histórias clínicas a ser publicada, intitulado por Freud (1905/2021) como: *Fragmento de uma análise de um caso de histeria*. A noção de fragmento foi colocada desde então na escrita freudiana para um caso que se tornou paradigmático da clínica psicanalítica, como o que permite ler outros casos da prática clínica até hoje.

Além do caso Dora, destacamos o caso Homem dos Lobos, intitulado “Da história de uma neurose infantil” (Freud, 1918/2021), apresentado por Freud como um caso clínico que ele iria relatar “mais uma vez apenas de modo fragmentário” (p. 631). O psicanalista aponta justamente para o modo de escrita a partir de fragmentos, já que não seria possível escrever a história do paciente de forma histórica ou puramente pragmática, e tampouco escrever uma história circunscrita apenas ao tratamento. Por isso, Freud (1918/2021) se posiciona da

seguinte forma quanto ao seu método, referindo-se ao modo de construção da escrita que inclui a transmissão da clínica: “vejo-me obrigado a combinar entre si ambos os modos de exposição” (p. 637).

Para Freud (1918/2021), na escrita do caso, “registros protocolares exaustivos dos processos ao longo das sessões em análise” (p. 67) certamente não contribuiriam para formular a convicção resultante da experiência da análise. Destaca ainda que a escrita dos casos clínicos pode levar “algo novo” (p. 638) aos investigadores da experiência clínica, para além das histórias, uma pergunta sobre a apresentação do caso como uma parte, um pedaço, um resto decantado de seu relato, e também algo que se extrai das intervenções do analista.

A aposta intransigente na singularidade de cada caso como modo por excelência da transmissão da clínica está estreitamente relacionada à construção feita pela escrita. Freud não torna suas recomendações técnicas explícitas em seus textos, como manuais ou protocolos, não por fragilidade em sua teoria, mas pela dimensão do material clínico que o método psicanalítico apresenta. A partir da própria escrita do caso, pode-se transmitir não estritamente a técnica, mas o testemunho da manifestação do inconsciente como orientação clínica.

É interessante notar que suas considerações acerca do tratamento incluem as anotações das sessões, possibilitando dar continuidade às primeiras considerações acerca do tema das neuroses de defesa publicadas no texto “Rascunho K”:

Sinto-me obrigado a apresentar um alerta contra a prática de anotar o que o paciente diz durante o tempo real de tratamento. A conseqüente retirada de atenção do médico prejudica mais aos pacientes do que um acréscimo de exatidão que se pode conseguir na reprodução de seu caso clínico (Freud, 1909/1969, p. 164).

Freud (1909/2021) evidencia justamente um modo de escrita que produz interrogações a partir de fragmentos, já que não seria possível escrever em tempo real ao tratamento ou escrever a história do paciente ou do tratamento de modo integral. A comunicação da clínica deve abdicar dos detalhes insignificantes das circunstâncias de vida do paciente, inclusive para manter seu anonimato. Assim se recorre à dimensão do resto, dos fatos de maneira incompleta, como “os sabemos e como nos é lícito informá-los” (p. 337), a partir de “fragmentos de conhecimento” (p. 337).

Ainda é preciso destacar, com Freud (1937/2018), em “Construções em Análise”, o trabalho de construção do psicanalista com os fragmentos de lembranças, associações e manifestações do paciente, que ele equipara, com ressalvas, ao trabalho do arqueólogo de construir a partir dos restos dos muros, dos escombros e das cavidades dos terrenos. A noção de “construção” se refere às construções do analista, sob transferência, no que elas têm de apreensão da realidade psíquica e do discurso do sujeito, e deve conjugar não somente a interpretação dos dados da experiência, mas algo a mais: “algo fornecido pelo analista que está no campo do vivido subjetivo do paciente e que, uma vez incorporado em nossa teorização, permite que esta seja apropriada por ele” (Figueiredo et al., 2001, p. 16).

O fragmento fundamentado a partir da prática clínica, assim como a construção do caso, se constitui pelo que se extrai das intervenções do analista na condução do tratamento e do que é decantado de seu relato. O modo de constituir e transmitir a Psicanálise, entre teoria e prática clínica, aponta que não se trata de um modelo teórico do qual se possa inferir

um caso particular, como lógica dedutiva, tampouco haveria uma coleção de diferentes casos particulares que juntos construiriam uma teoria geral, como lógica indutiva. Na investigação psicanalítica, cujo método de pesquisa se coloca pelo hiato entre o universal e o particular, o singular de cada caso exige um esforço de mostração quanto à sua especificidade. Por isso, o estatuto de paradigma (Silva, 2019) propõe o método de formalização da clínica teórico-prática, atribuindo dignidade à exemplaridade do caso clínico.

Em “As pulsões e seus destinos”, Freud (1915/2023) enuncia que a direção da pesquisa psicanalítica é dada pela própria prática psicanalítica, no qual o relato clínico fornece seu modo de fazer pesquisa teórica. Os casos freudianos apontam um método que combina investigação e tratamento, uma vez que a singularidade irreduzível de um caso permite ler arranjos subjetivos igualmente singulares. Em relação ao caso Dora, o que está em questão como paradigma da histeria é a especificidade de sua singular solução sintomática, que possibilita ler outros casos singulares e se tornar material também em outros campos de estudo, como teorias feministas e de gênero (Iannini et al., 2021). Assim, a pesquisa em Psicanálise se configura e se sustenta na produção e transmissão de saber possível sobre as próprias sutilezas de articulação entre tratamento e investigação, sendo justamente por isso que esse campo se mantém vivo a cada novo caso.

É importante ressaltar que a importância do fragmento clínico não se deve a uma função de *ilustração* da teoria, assim como não se trata de constituir a teoria a partir de um conjunto de fragmentos — tal constituição se dá pela dimensão paradigmática dos fragmentos clínicos. Como os casos freudianos que ensinam e apontam a clínica como lugar privilegiado do tensionamento entre a estrutura e o singular, há uma aposta na especificidade do caso que permite que a clínica psicanalítica possa avançar apesar e através de suas lacunas. Assim, o que surge na escrita em fragmento se inscreve justamente nas brechas da história e na articulação com o saber psicanalítico; é “na amarração desses dois aspectos — os fragmentos e a unidade — que reside o desafio do psicanalista-pesquisador que faz uso desse recurso metodológico: mover-se nessa tensão entre o que é da ordem do singular e o que é da ordem do universal” (Castro, 2010, p. 28).

## **A escrita do acontecimento: entre método de pesquisa e transmissão da clínica**

“Traidor tem que morrer mesmo eu sou louco pra vingar meus parentes eu também zé mexeu comigo ou com parceiro meu é caixão com nós não tem isso não eu mato mesmo tem o certo pelo certo mas tem o errado pelo certo xisnove é tiro na cara a lei é matar ou morrer o capeta fica tentando a cabeça mas pra mim tanto faz eu não tenho mais família eu nasci pra morrer então foda-se ou morre ou mata e eu mato mesmo é a lei do crime igual quando o namorado da minha irmã tava batendo nela zé aí eu ameaçei ele parou na hora e...”. Matar ou morrer: era só disso que eles falavam. O grupo se encerra, os meninos se levantam. O último a falar olha para a psicanalista, levanta as mãos para o alto. “Essa mão aqui já matou muita gente; daqui a pouco é minha hora de morrer.” Ela olha para as mãos abertas e diz: “deixa eu ver uma coisa”. Assustado,

estende-a. “Nossa, a sua linha da vida é enorme!” E ele, surpreso: “Tem isso na minha mão?” (Greco, 2021, p. 226).

Este é um dos acontecimentos que compõem o livro teórico-clínico “Ata” (Greco, 2021), que faz parte de uma coleção que apresenta o trabalho desenvolvido no Desembola na Ideia. As intervenções psicanalíticas e artísticas podem provocar um ato, por meio da fala, de silêncios, de escansões e cortes, que possibilita a emergência de um acontecimento. Isso que acontece no “espaço de um lapso”, em referência ao “Prefácio à edição inglesa do Seminário XI” (Lacan, 1976/2003, p. 567), marca o instante, a surpresa, a quebra do discurso corrente, constituindo-se como a irrupção de singularidades no momento mesmo de sua produção no discurso, como algo novo que muda a disposição normal de corpos e da linguagem.

Desse modo, o acontecimento se articula à ação do psicanalista na cidade, pela inserção no dispositivo coletivo das instituições. Na orientação lacaniana, a Psicanálise pura mantém uma relação moebiana com a Psicanálise aplicada, como indica Miller (2001), para quem “a psicanálise aplicada é a psicanálise que concerne ao sintoma, a psicanálise aplicada ao sintoma” (p. 27). Por isso, aposta-se na direção de uma Psicanálise implicada na ampliação do trabalho do analista na cidade e seus dispositivos, buscando novas formas de tornar a Psicanálise sensível às diferentes formas de segregação contemporânea. Tal como Lacan (1967/2024, p. 267) propõe ao pensar o inconsciente como política, essa orientação da prática psicanalítica se apresenta a cada encontro com o analista, no qual o sujeito pode encontrar uma coordenada singular diante do Real. Assim, o ato do analista na instituição articulado aos efeitos de inventividade se dá em direção à subversão da massificação dos sujeitos, permitindo que passem do lugar de segregação para o lugar de um por um, da singularidade, isto é, do lugar aberto ao acontecimento.

Acontecimentos, como os do Desembola na Ideia, funcionam como cenas ou vinhetas, tal qual uma manifestação do inconsciente em sua dimensão de Real, como uma presença. A partir da experiência clínica em que a escrita do acontecimento se articula ao instante de manifestação do Real, destacamos uma citação do Seminário *O Sinthoma* (Lacan, 1975-1976/2006), em sua tradução em espanhol: “Me interesa la escritura porque pienso que históricamente se ha entrado en lo Real por fragmentos de escritura, a saber, se cesó de imaginar” (p. 66). Nessa tradução, evidencia-se a menção ao “fragmento de escritura”, além da correspondência literal ao *petits bouts d’écriture* como “pedacinhos de escrita”, incluindo o fragmento como explicitação do efeito do Real da clínica, como ocorre neste fragmento:

Grande parte da adolescência de L. tem sido atravessada por seu ziguezague por diversas instituições de atendimento a adolescentes. Sempre um novo ato, uma infração, e lá está ela de novo. Entra e sai. Vai e vem. Por onde passa, ela encarna um vendaval. Impossível não a perceber. Ela quer, sim, todos os olhos. Até festa de 15 anos ela já conseguiu ganhar, numa dessas. L. sabe fazer com o que não tem, e com o que tem ela se afunda na prostituição. Um dia, em um encontro com uma psicanalista e com uma artista, L. contava orgulhosa suas aprontações, e soltou: “Ai, eu sou muito aparecida mesmo, né! Eu daria muito certo na televisão”. No próximo encontro, psicanalista e artista levaram uma câmera. L. virou apresentadora e entrevistadora do recém-criado

“L. é o show”. “Gente! Agora é que eu sou garota de programa mesmo!” — disse ela, às gargalhadas. “Só que desse jeito é bom pra mim.” (Greco, 2021, p. 136).

A função do escrito se evidencia como um campo importante de Lacan em seu ensino da década de 1970 — como em “Lituraterra” (Lacan, 1971/2003) —, quando se acercou da função da letra, especialmente pelo modo da escrita chinesa que articula a escrita à ideia do “clarão”, do “relâmpago” de Heráclito. Lacan formula a função da letra como Um que, ao se apresentar condensada em uma frase, “vem nomear o inominável das coisas” (Laurent, 2010, p. 64), isto é, a letra deve ser apreendida a partir de seu efeito, além da significação. Ainda que a Psicanálise possa testemunhar o que não cessa de não se escrever, é por meio do que aparece em um instante como contingência, algo do acontecimento, que pode se escrever essa marca do Um, que condensa sem se completar, de modo não-todo.

Como localização efêmera, articula-se aqui o acontecimento como contingência que produz um resto como efeito para o sujeito, um espaço privilegiado para o discurso analítico, no que se vincula à letra, pelo que ela evoca de efeito significante. Lacan (1972-1973/2008), ao seguir o fio do discurso analítico, nota que ele tende a “refraturar, encurvar, marcar com uma curvatura própria . . . que não poderia nem mesmo ser mantida como sendo como a das linhas de força, aquilo que produz como tal a falha, a descontinuidade” (p. 51). Na experiência analítica, instaura-se um novo dizer, algo novo, a partir da emergência do Real pelo giro discursivo, como descontinuidade, apresentando-se especialmente como orientação para a prática da Psicanálise que se reinventa nas instituições. Assim, o sujeito, ao operar pela fratura do dito, marca uma curvatura singular, desloca o ponto central da fala cotidiana, para que algo inédito no modo de dizer possa emergir, como acontece nesta cena:

V. começou a datilografar sua história, a pedido da educadora, no seu primeiro dia no Desembola. “Era uma vez um menino que andava na contramão e era foda. Ele curtia e zuava até vim as colheitas. Frutos armagos”. Leu em voz alta e estranhou: “Tá errado, né, fêssora? Não tem esse erre...”. Continuou: “E um certo dia aprendeu a armar mais os próximos”. Leu e falou: “Olha o erre errado aí de novo”. O psicanalista, até então calado, rosnou, alto: “/rrrrrr/”. “Quê isso, fêssor? Tá parecendo coisa do cão”, disse, rindo, o menino. “Mas não é você que tá passando o cano aí, com esse erre nas palavras?” (passar o cano é quando alguém introduz arma na cadeia, e o menino sabe disso). “Que bobagem, fêssor, não tem berro aqui, só se for você com esse /rrrrrr/.” “Então me passa seu erre”, provoca o psicanalista. A educadora traz tesoura e cola, e V. picota os erres clandestinos das palavras. O psicanalista, então, desliza a consoante com o dedo, fazendo-a agora vizinha de outras letras. O menino, desarmado, lê: “amar-gos”. E se espanta: “Ah, é amar mais os próximos, né? Não é *armar* não” (Greco, 2021, p. 278).

O significante, pela expressão de uma escrita descontínua, atravessada pelo Real, “é em uma letra” que mostra “a precipitação pela qual o ser falante pode ter acesso ao Real . . ., cada vez que se trata disso, é sempre de uma referência à escrita que o que pode ser situado na linguagem acha seu real” (Lacan, 1973-1974/2016, p. 245). No nível do que fratura e quebra, do fragmento, Miller (2012) localiza o Real como um pedaço assistemático separado do saber ficcional que se produz de modo contingente. É por meio da letra, do fragmento

do escrito, que se pode ter acesso ao Real. Ao lado da precipitação do Real pela letra, termo usado em “Lituraterra” (Lacan, 1971/2003), destaca-se a operação-redução, proposta por Miller (1998/2015), que condensa os elementos do relato do analisante, de seus pensamentos, palavras e obras, visando limitar a proliferação de sentido. Assim, a letra como fragmento do escrito pode indicar um caminho para a fundamentação do acontecimento articulado à noção do fragmento clínico.

## Considerações finais

Vemos, assim, que é possível encontrar os fundamentos da escrita de fragmentos a partir de uma articulação entre a teoria psicanalítica e a experiência clínica. O acontecimento, como apresentado neste trabalho, não remete ao fragmento clínico pela ideia de escritos curtos, mas sim pela escrita de uma contingência. Pelo exposto até aqui, é importante sustentar a direção de que o fragmento, como o instante no “espaço de um lapso (Lacan, 1976/2003, p. 567), que transforma o acontecimento em escrita, se constitui como modo privilegiado de transmissão do efeito de real da prática analítica. Portanto, pela experiência clínica demonstrada pelos fragmentos da prática do Desembola na Ideia, a escrita do acontecimento pode se evidenciar como uma metodologia específica de investigação em Psicanálise.

Como Freud apontou, a partir da escrita do caso clínico, a via do fragmento, como escrita do acontecimento, torna possível transmitir a experiência analítica. Pelo que se percorreu a partir da contingência do acontecimento e da introdução do discurso analítico com a quebra, a prática clínica transmitida em fragmento pode produzir efeitos contrários aos imperativos da segregação e abrir o lugar do acontecimento para cada um. E também, como apontou Freud, pode levar “algo novo” aos investigadores da experiência clínica. Essa aposta permite que algo do acontecimento eventualmente possa se escrever por essa marca do Um, que condensa sem se completar, de modo não-todo, e pode se destinar a alguns outros na comunidade analítica, como em desdobramentos em futuras pesquisas acadêmicas no campo da Psicanálise.

Diante dos impasses metodológicos contemporâneos, a prática clínica interroga o psicanalista-pesquisador pelo tensionamento entre a estrutura e o singular, isto é, na amarração entre os fragmentos, as brechas da história e na articulação do saber psicanalítico. O método psicanalítico pode introduzir, pela articulação indissociável entre pesquisa e prática clínica, uma forma de extrair um saber de cada caso, e não apenas ilustrar a teoria. Destarte, o fragmento — como instante fulgurante que produz um efeito de inventividade — transforma o acontecimento em escrita, constituindo um modo de transmissão do efeito de Real da prática analítica, portanto um recurso metodológico que privilegia a singularidade para a pesquisa em Psicanálise.

## Referências

Barthes, R. (2003). *Fragmentos de um discurso amoroso* (Aguiar, M. V. M., Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1977).

- Castro, J. (2010). O método psicanalítico e o estudo de caso. In Neto, F. & Moreira, J. (Orgs.), *Pesquisa em Psicanálise: Transmissão na Universidade* (p. 28). Belo Horizonte: EdUEMG.
- Figueiredo, A. C., Nobre, L. & Vieira, M. A. (2001). Pesquisa clínica em Psicanálise: a elaboração de um método. In Figueiredo, A. C. (Org.), *Psicanálise: pesquisa e clínica* (pp. 11-23). Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 128-229). Imago Editora. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2021). Fragmento de uma análise de um caso de histeria. In Freud, S. *Histórias Clínicas: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 29-172). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2021). Observações sobre um caso de neurose obsessiva. In Freud, S. *Histórias Clínicas: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 335-434). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1909).
- Freud, S. (1969). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: duas histórias clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”)* (pp. 335-434). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1909).
- Freud, S. (2023). As pulsões e seus destinos. In Freud, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*; 2 (pp. 13-72). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2021). Da história de uma neurose infantil. In Freud, S. *Histórias Clínicas: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 631-774). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1918).
- Freud, S. (2018). Construções em análise. In Freud, S. *Obras Completas* (Vol. 19, pp. 327-344). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1937).
- Galhardo, L. (2024). *Território e Laço Social: Sujeitos e Quebradas*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Greco, M. (2021). *Desembola na Ideia: Arte e Psicanálise implicadas na vulnerabilidade juvenil*. Belo Horizonte: AIC – Agência de Iniciativas Cidadãs.
- Houaiss, A., Villar, M. S. & Franco, F. M. M. (2009). Fragmento. In: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Iannini, G., Tavares, P. & Romão, T. (2021). Escrever a clínica: Freud entre a ciência e a literatura. In Freud, S. *Histórias Clínicas: Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 15-28). Belo Horizonte: Autêntica.
- Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Lacan, J. (2024). *O Seminário, livro 14: a lógica do fantasma (1966–1967)*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1967).
- Lacan, J. (2003). Lituraterra. In Lacan, J. *Outros escritos* (pp. 15-25). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1971).

- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1972-1973).
- Lacan, J. (2016). *Os não-tolos vagueiam: Seminário*. Salvador: Espaço Moebius. (Obra original publicada em 1973-1974).
- Lacan, J. (2006). *O Seminario, libro 23: El sinthome*. São Paulo: Paidós. (Obra original publicada em 1975-1976).
- Lacan, J. (2003). “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”. In Lacan, J. *Outros escritos* (p. 567). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1976).
- Laurent, É. (2010). A carta roubada e o voo sobre a letra. *Correio, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, (65), 61-93.
- Mahony, P. (1997). *Freud as a Writer*. New Haven: Yale University Press.
- Miller, J.-A. (2015). O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1998).
- Miller, J.-A. (2001). Psicanálise pura, Psicanálise aplicada & psicoterapia. *Opção Lacaniana*, 8(22).
- Miller, J.-A. (2012). *Un Real para el S. XXI*. Editorial.
- Pinto, J. M. (1999). A instituição acadêmica e a legitimação da vocação científica da Psicanálise. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3).
- Silva, S. (2019). *O que significa elevar um caso ao paradigma? O estatuto do exemplo em Agamben, Freud e Lacan*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- Vorcaro, A. M. R. (2019). A verdade da experiência da transmissão em Psicanálise. *Estilos Clínicos*, 24(3), 425-431. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i3p425-43>

## The writing of the event: the clinical fragment as transmission in Psychoanalysis

### Abstract

This article investigates the clinical fragment as a unique method for research and transmission in Psychoanalysis, articulating clinical practice with Lacanian-oriented psychoanalytic theory. Drawing on the experience of the *Desembola na Ideia* project, the article aims to demonstrate how the writing of an event — defined as the irruption of singularities in clinical practice — can serve as a means to transmit the Real of the analytical experience. The central research problem is to explore how the clinical fragment can be legitimized and utilized as a research methodology, both in academic settings and within the psychoanalytic community. The text discusses this form of writing not as a mere illustration, but as a manifestation that emerges from the contingency of the clinical experience. The methodology adopted combines theoretical-conceptual research with clinical practice, based on material from the clinical and artistic work developed within *Desembola na Ideia*. It concludes that the clinical fragment, as the writing of an event, constitutes a privileged way to formalize and transmit the effect of the Real in analytic practice. Therefore, it supports a specific methodology for research in Psychoanalysis. Ultimately, this method allows Psychoanalysis to reinvent itself and to produce a mode of research that values the singularity of each case, contributing to the theoretical advancement of the field.

**Keywords:** Clinical fragment. Event. Transmission. Research methodology. Transmission. Psychoanalysis.

## La escritura del acontecimiento: el fragmento clínico como transmisión en Psicoanálisis

### Resumen

Este artículo investiga el fragmento clínico como un método singular de investigación y transmisión en Psicoanálisis, articulando la práctica clínica con la teoría psicoanalítica de orientación lacaniana. A partir de la experiencia del proyecto *Desembola na Ideia*, el artículo busca fundamentar cómo la escritura del acontecimiento — definida como la irrupción de singularidades en la práctica clínica — puede ser una forma de transmitir lo Real de la experiencia analítica. El problema central de la investigación es cómo el fragmento clínico puede ser legitimado y utilizado, tanto en el contexto académico como en la comunidad analítica, como una metodología de investigación. El texto discute esta escritura con el fragmento clínico, la cual no es ilustrativa, sino que se manifiesta en la contingencia de la experiencia clínica. Para ello, la metodología utilizada es la investigación teórico-conceptual articulada con la práctica

clínica, a partir del material extraído de la experiencia clínica y artística de “Desembola na Ideia”. Se concluye que el fragmento clínico, como escritura de un acontecimiento, constituye un modo privilegiado de formalizar y transmitir el efecto de lo Real de la práctica analítica, lo que fundamenta una metodología específica de investigación en Psicoanálisis. Finalmente, este método permite que el Psicoanálisis se reinvente y produzca una forma de investigación que valora la singularidad de cada caso y contribuye al avance teórico del campo.

**Palabras clave:** Fragmento Clínico. Acontecimiento. Metodología de Investigación. Transmisión. Psicoanálisis.

## L'écriture de l'événement: le fragment clinique comme transmission en Psychanalyse

### Résumé

Cet article étudie le fragment clinique en tant que méthode singulière de recherche et de transmission en Psychanalyse, en articulant la pratique clinique à la théorie psychanalytique d'orientation lacanienne. À partir de l'expérience du projet *Desembola na Ideia*, il vise à démontrer comment l'écriture de l'événement — défini comme l'irruption de singularités dans la pratique clinique — peut être une forme de transmission du Réel de l'expérience analytique. La problématique centrale de cette recherche est de savoir comment le fragment clinique peut être légitimé et utilisé comme méthodologie de recherche, tant dans le contexte académique que dans la communauté analytique. Le texte aborde cette écriture du fragment clinique non pas de manière illustrative, mais comme une manifestation qui émerge de la contingence de l'expérience clinique. Pour ce faire, la méthodologie employée est une recherche théorico-conceptuelle articulée à la pratique clinique, à partir du matériel issu de l'expérience clinique et artistique du projet *Desembola na Ideia*. En conclusion, le fragment clinique, en tant qu'écriture d'un événement, constitue un mode privilégié de formalisation et de transmission de l'effet de Réel de la pratique analytique, ce qui fonde une méthodologie de recherche spécifique en Psychanalyse. Finalement, cette méthode permet à la Psychanalyse de se réinventer et de produire une forme de recherche qui valorise la singularité de chaque cas et contribue à l'avancement théorique du domaine.

**Mots-clés:** Fragment clinique. Événement. Méthodologie de recherche. Transmission. Psychanalyse.

Recebido em: 31/08/2025

Revisado em: 24/11/2025

Aceito em: 04/12/2025